

# Curso Básico sobre o Carisma Missionário Franciscano



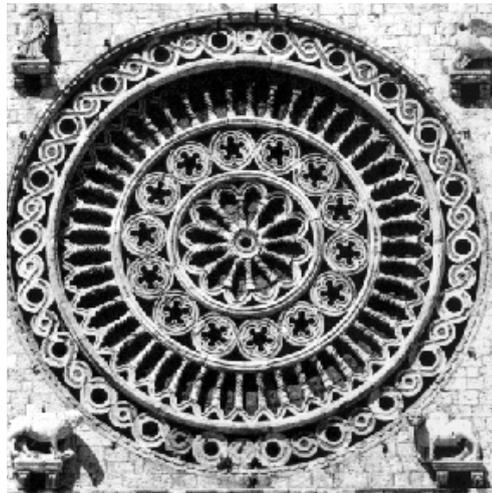
## Cristianismo, a religião da Encarnação



Lição 1



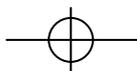
# **Curso Básico sobre o Carisma Missionário Franciscano**

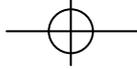


## **Cristianismo, a religião da Encarnação**



### **Lição 1**





## Copyright

Comissão Internacional do CCFMC.

Edição revisada conforme as propostas do Congresso Internacional do CCFMC,  
em Assis, Itália, 1994.

### Redação original em língua alemã

Maria Crucis Doka OSF, Patricia Hoffmann,  
Margarethe Mehren OSF, Andreas Müller OFM,  
Othmar Noggler OFMCap e Anton Rotzetter OFMCap

### Layout

Jakina Ulrike Wesselmann  
Centro Missionário dos Franciscanos (MZF)

### Tradução para o português

Malina Hoepfner RSCJ

### Revisão literária

Renato Kirchner

**Para a aquisição desta lição ou de outras, favor entrar em contato com:**



**FAMÍLIA FRANCISCANA  
DO BRASIL**

CNPJ 31.166.622/0001-18

Rua Coronel Veiga, 1705 - CEP 25655-152

Caixa Postal 90.174 CEP 25621-970

PETRÓPOLIS - RJ

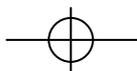
PABX (0 XX 24) 242.5247 e 242.1300

FAX (0 XX 24) 242.7644

Email [ffb@compuland.com.br](mailto:ffb@compuland.com.br)

Página 2

*Cristianismo, a religião da Encarnação - Lição 1*



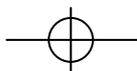


# Índice

## Cristianismo, a religião da Encarnação

---

<b>Texto das Fontes</b>	5
Francisco e Clara de Assis: Como Francisco celebrou a festa de Natal	
<b>I. Introdução</b>	7
<b>II. Visão de conjunto</b>	8
<b>III. Informação</b>	
1. Aceitar o desafio	13
2. A „secularidade“ da vocação franciscana	13
2.1. O que quer dizer o termo „secular“?	13
2.2. O mundo como „convento“	14
2.3. A alienação da vocação franciscana	15
2.4. A devoção natalina dos franciscanos	18
2.5. A perspectiva da Ordem Terceira	21
2.6. O encargo missionário	22
3. Evangelização	23
3.1. O movimento franciscano como uma vanguarda	23
<b>IV. Exercícios</b>	26
<b>V. Aplicação</b>	32
<b>VI. Bibliografia</b>	33
<b>VII. Legendas das ilustrações</b>	35







# Texto das Fontes

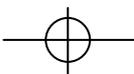
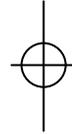
**Francisco e Clara de Assis:**

## **Como Francisco celebrou a festa de Natal**

Em dezembro de 1223, Francisco estava mais uma vez numa ermida perto de Greccio, uma pequena cidade no vale de Rieti. De repente, teve uma idéia: „Como seria“, pensava ele, „se pudesse ver com meus olhos a que ponto Deus queria se fazer pequeno e pobre? Como seria, se pudesse tocar com minhas mãos a miséria, no meio da qual Deus veio ao mundo? *Quero lembrar o menino que nasceu em Belém, os apertos que passou, como foi posto num presépio, e ver com meus próprios olhos como ficou em cima da palha, entre o boi e o burro. Com todo meu ser, quero inclinar-me sobre a grande pobreza que Jesus assumiu ao nascer num presépio*“.

Contudo, Francisco não foi nenhum sonhador; sentia a necessidade de agir. Num certo dia, portanto, convidou um casal para entrar com ele numa gruta. Pediu que trouxessem um boi e um burro, e que enchessem a manjedoura com palha. Sobretudo, devia haver muita gente; convidou grandes e pequenos, tantos quantos podiam vir. E então, Francisco viu como Deus se fez pequeno: tocou a carência de Deus, sentiu o cheiro entre os animais, se inclinou sobre o Deus pobre, e cantou, junto com o povo, o canto que fala do rosto humano de Deus (cf. 1Cel 84-85).







# Introdução I.

## Francisco e Clara iniciaram um movimento

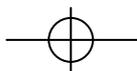
Até hoje, o movimento franciscano tem uma tarefa a cumprir na Igreja e no mundo. Em que exatamente consiste essa tarefa do movimento franciscano? Onde é que se situa dentro da Igreja? Qual o seu significado para o mundo, e vice-versa: do mundo em relação a ele? (ver lição 2).

É preciso que o movimento franciscano se dê conta e saiba responder a estas perguntas. Neste contexto, temos de lembrar que o presente curso constitui o resultado da colaboração conjunta de irmãs e irmãos do mundo inteiro, que vivem e trabalham na Ásia, na África, nas duas Américas e na Europa. Em nenhuma parte vivemos como sentinelas isoladas. Não estamos sós no nosso esforço de nos situarmos, de uma maneira nova, no mundo e na Igreja.

Em toda parte, nos deixamos tocar e impressionar pelos mesmos conteúdos. Assim, estaremos aptos a servir à Igreja e ao mundo como uma única família franciscana, vasta e ramificada. Como tal, constituímos uma grande força. Seria bom se deixássemos de pensar em termos mesquinhos de nós mesmos! Não convém que continuemos a procurar rebaixar-nos! É Jesus quem nos recorda: „Vós sois a luz do mundo!“, „Vós sois o sal da terra!“, „Vós sois a cidade situada no cimo de um monte!“ (Mt 5,13-16). Por isso, temos algo a dizer; temos uma perspectiva de vida que queremos oferecer e propagar; pois sabemos que muitos estão à procura dela.

Por suas vidas, Francisco e Clara de Assis nos mostraram um jeito muito especial de viver a fé em Cristo. E essa fé quer tornar a humanidade mais humana e o mundo mais habitável.

A exemplo de Francisco e Clara, nós também queremos dar testemunho de um Deus que se „intromete“ na vida do mundo, na vida da gente. Apontamos para um mistério que está presente entre nós: o nosso Deus que deseja libertar-nos de todas as formas de servidão e da falta de liberdade. Portanto, representamos uma religião de Encarnação.





# Visão de Conjunto

II.

## religião da Encarnação

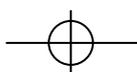
---

Como família franciscana, estamos querendo viver e testemunhar a religião da Encarnação, independentemente da nossa comunidade local ou do ramo ao qual pertencemos.

Para não repetir sempre os mesmos princípios e para não transmitir unicamente respostas corriqueiras, recorreremos agora a pensadores que não foram membros da nossa família franciscana. Com frequência, eles vêem nossas origens de um modo menos tradicional do que nós mesmos somos capazes de fazê-lo.

Com este novo modo de ver as coisas, iremos, em seguida, concentrar-nos na „secularidade“ da vocação franciscana. Isto não será possível sem uma clarificação anterior do conceito „secular“. É sabido que Francisco não quis se fixar num único lugar determinado, mas que considerava o mundo inteiro – com toda sua vastidão – o seu „convento“. Vamos perceber, porém, que as três Ordens franciscanas não tardaram em se afastar da sua origem (ver lição 2). Isto se verifica, por exemplo, na devoção que São Francisco e Santa Clara tiveram pela festa do Natal.

Não são somente a 1ª e a 2ª Ordem que vivem dessa perspectiva, mas também a Ordem Terceira. Em conseqüência, será igualmente oportuno dar um novo sentido aos conceitos: „missão“ e „evangelização“.



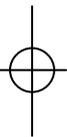


## Informação

III.

Já não queremos contentar-nos simplesmente com respostas tradicionais

Já desde o início da Ordem, é provável que os vários ramos e comunidades da família franciscana não compreenderam bem a fundo aquilo que Francisco e Clara lhes quiserem transmitir. Temos abandonado os caminhos que eles nos traçaram.



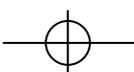
aceitar o desafio

1.

Por isso, vamos tentar agora vê-los com olhos novos, falar deles, usando uma linguagem ainda não costumeira. Neste intuito, vamos recorrer a pessoas de fora para que eles nos digam quem foram – ao seu parecer – Francisco e Clara, e o que os dois significam para o mundo.

O pensador francês **E. Renan** (1823-1892) estava convencido de que houve, sobretudo, três momentos decisivos na história da humanidade, ou seja: a origem do cristianismo, a Revolução Francesa e o movimento franciscano do século XIII. Paul Sabatier, um pesquisador protestante a quem temos muito que agradecer como família franciscana, relatou o que Renan lhe falou a respeito:

*„Quando comecei a trabalhar, fiquei sonhando com o projeto de dedicar a minha vida*



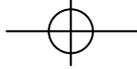
ao estudo de três épocas históricas. – Sejam abençoados os sonhos da juventude! – Trata-se dos três períodos seguintes: a origem do cristianismo ligado à história de Israel, a Revolução Francesa, e a maravilhosa renovação religiosa desencadeada por Francisco de Assis. Lamentavelmente, consegui somente realizar o primeiro destes três pontos do meu programa.

Depois de dizer isto, Renan voltou-se para um jovem que parecia ter boa saúde, mas que, de fato, morreu pouco tempo depois sucumbindo ao excesso de trabalho. Dirigindo-se a esse moço, falou: Sr. Leblond, é o Sr. quem terá que reconstruir a história religiosa da Revolução. Em seguida, virou-se para um outro senhor (= o próprio Paul Sabatier), colocou sua mão sobre o ombro dele para impedir que se esquivasse, e lhe disse: Você será o historiador seráfico. Tenho inveja de você! Francisco sempre sorria para seus historiadores. O processo que desencadeou e as conseqüências que esse processo teve nos séculos seguintes nunca foram suficientemente elucidados e analisados. Foi ele quem salvou a Igreja do século XIII; e seu espírito continua vivo de um modo surpreendente. Temos necessidade dele. Se realmente o quisermos, ele voltará“.

De fato, **Paul Sabatier** chegou a ser um importante pesquisador de nossa história franciscana. A partir dos livros que escreveu, as idéias de Francisco ficaram como um agulhão na carne da família franciscana, e até da sociedade inteira. Não é por nada que inúmeros autores continuam publicando livros sobre a vida e o movimento de Francisco.

Devemo-nos perguntar, porém, será que hoje em dia sabemos realmente mais a respeito dele? Será que realmente entendemos o que Francisco e Clara queriam nos dizer? Não temos, por acaso, necessidade de deixar-nos encantar novamente pelo sorriso dos dois? Para dar um outro exemplo, o que será que **François Voltaire**, o espírito revolucionário da França, pensava do seu padroeiro? No mundo inteiro e até o dia de hoje, Voltaire continua sendo considerado um ateu convicto, porque se distanciou da forma tradicional do cristianismo vivido no seu tempo. Apesar disso, celebrava anualmente o dia 4 de outubro como seu dia onomástico, sentiu-se próximo do convento capuchinho de Gex, e os capuchinhos, por sua vez, o consideravam como um deles. Será que isto pode ser um sinal de que Voltaire se sentiu atraído por uma outra forma de viver a fé cristã, ou seja a forma propagada por Francisco e Clara?

A forma de vida de que tratamos emerge de um livro recentemente publicado sobre Francisco. Entre outras coisas, traz a seguinte observação: „Sobretudo são noções, visões e utopias de um novo mundo pacífico, unidas à idéia da redenção do mundo, que conferem ao franciscanismo uma atualidade ininterrupta. São temas religiosos que interessam não somente aos cristãos, mas a todos que não são indiferentes ao que toca o destino do mundo e também a sua própria morte individual“ (H. Feld, p. 7). Escutemos ainda mais uma testemunha, o publicitário alemão **Walter Dirks**. Depois da



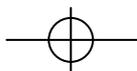
Segunda Guerra Mundial, procurava uma força capaz de contribuir para a reconstrução da ordem social e acreditava ter encontrado essa força na Terceira Ordem fundada por São Francisco (TOR/OSF):

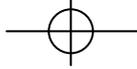
*„Desde o início – de um modo exagerado – a Ordem Terceira foi considerada uma Ordem fechada em si, como se fosse nada mais do que uma espécie de fraternidade piedosa. Provavelmente São Francisco não tinha culpa nenhuma neste equívoco. Em verdade, a Ordem Terceira devia ter-se tornado um movimento capaz de remodelar o mundo.*

*A vida monástica, na sua forma especificamente franciscana, representada pela Primeira e Segunda Ordem, visava atingir os ‘novos-ricos’, semelhante ao modo como São Bento visava atingir os poderosos do seu tempo por meio de comunidades fraternas de trabalho. Conseqüentemente, pode-se afirmar que a missão histórica específica de Francisco se concentrou na formação da Ordem Terceira: Não foi a finalidade original dessa Ordem, fazer os pobres ficarem ‘piedosos’, amantes da pobreza; também não visava tornar os ricos ‘piedosos’, prendendo-os dentro de um sistema de orações para resgatar suas almas. A finalidade da Ordem Terceira, pelo contrário, consistia em conseguir que os ricos se tornassem ricos de um modo cristão. Porém, será que é realmente possível que um rico se dedique de corpo a alma às suas tarefas no mundo, e simultaneamente continue sendo um ‘bom cristão’? ou – melhor ainda – como se tornaria um santo? Essa é a grande interrogação à qual a Ordem Terceira teria que responder. Essa é a pergunta característica desse século, que representa o tempo de incubação do capitalismo.*

*Originalmente, a Ordem Terceira foi concebida como uma simples fraternidade cristã, que se manteve unida por um mínimo de regras elementares, e que via sua ‘tarefa religiosa’ no mundo secular: nos negócios e afazeres dos irmãos, nos seus casamentos e suas vidas de família, nas suas corporações, na política que praticavam nas suas câmaras municipais. Teria sido a sua missão construir o mundo burguês dentro do âmbito da Igreja.*

*Teria sido a tarefa dos burgueses fazer do ‘tempo moderno’ uma época cristã, de fazer da história profana e espiritual dessa época um capítulo da História de Salvação da humanidade inteira. Essa Ordem Terceira ideal deveria ter sido a razão de ser da Primeira e da Segunda Ordem. Portanto, a Ordem Terceira devia ter mudado o rumo da história do mundo de um modo marcante. Assim teria correspondido à idéia de Deus sobre o mundo moderno. Francisco, pelo menos, entendeu as coisas assim. Pisou no dinheiro, procurando esmagá-lo na poeira, pois previu de um modo lúcido que o dinheiro, esse ídolo, esse feitiço do século burguês, seria capaz de suplantar o Deus crucificado e ressuscitado. Francisco entrou na brecha contra um inimigo perigoso: sua Ordem Terceira, fortificada pela oração, pela fraternidade e pela tríplice imolação oferecida pela Primeira e pela Segunda Ordem por meio dos votos religiosos, tinha a tarefa de lidar de um modo cristão com o dinheiro e o domínio do dinheiro.*





*Isto, finalmente, não conseguiu. Neste sentido, Francisco fracassou historicamente, do mesmo modo como São Bento fracassou.*

*À medida que a práxis burguesa se secularizou, a vida religiosa se espiritualizou.*

*Quando os poderosos e ricos já não tinham necessidade de 'resgatar suas almas' por meio do dinheiro, quando a sua emancipação ficou auto-suficiente e presunçosa, descartando a casca de um passado marcado pela Igreja cristã, quando os ricos e poderosos ou já não pagaram mais nada à Igreja, ou somente fizeram donativos por mero 'humanismo', então também a Ordem Terceira se encolheu, até ficar simplesmente uma fraternidade piedosa de gente insignificante.*

*Sua tarefa teria sido a de marcar definitivamente a história de vários séculos. Em vez disso, degradou-se até ficar nada mais do que uma associação de gente piedosa.*

*Neste fracasso se manifesta que o cristianismo em geral fracassou no tempo moderno" (W. Dirks, p. 177-181).*

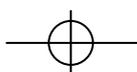
Em vários sentidos, esse texto é um desafio para aqueles que reclamam para si a herança de Francisco e Clara:

● De acordo com o que foi dito até agora, a Ordem Terceira foi a verdadeira razão de ser para a qual Francisco viveu. Sua missão específica consistia na santificação do mundo, na penetração dos setores seculares pelo Espírito Santo. De acordo com a opinião de Walter Dirks, a Primeira e a Segunda Ordem existiam unicamente para dar apoio, para que a Ordem Terceira pudesse desdobrar-se plenamente. Não se tratava de renunciar à sexualidade, ao dinheiro e ao poder, como exigem as Ordens monásticas, mas – pelo contrário – tratava-se, antes de tudo, do uso adequado e correto do dinheiro e sua distribuição justa no mundo; tratava-se do cunho cristão a ser dado ao comércio, à política, ao matrimônio, à configuração da cidade secular...

● Em lugar disso, Dirks mostra que a Ordem Terceira acabou se transformando em nada mais que uma „associação piedosa“. Portanto, não representa o que devia ter representado. Em consequência, recai sobre ela – em parte – a acusação de cumplicidade com o ateísmo do mundo atual.

● Seguindo o pensamento de Dirks, também a Primeira e a Segunda Ordem erraram o seu destino. Como o cristianismo em geral, também o movimento franciscano fracassou.

Vamos evitar reagir de um modo defensivo contra essas afirmações, para logo também esquecer o desafio que nos é dirigido. Antes, deveríamos olhar a história de Francisco e Clara através dessa nova ótica. Desta maneira, talvez seja possível reencontrar a nossa missão original.





## „secularidade“ da vocação franciscana

2.

Quando contemplada de perto, a vocação franciscana realmente aparece como sendo totalmente „secular“. Não somente a „Terceira Ordem Secular“ (OSF = „Ordo saecularis franciscanus“) é „secular“, mas também a Primeira e a Segunda Ordem o são, quando se remonta à sua origem.

### O que quer dizer o termo „secular“?

2.1.

Antes de prosseguir nesta procura, temos que esclarecer o termo „secular“ de modo mais nítido. Pois, neste contexto, essa palavra não é sinônima nem de „ateu“, nem de „secularizado“ (cf. lição 14), mas significa bem outra coisa. Trata-se justamente do contrário! Pois, não é possível encontrar a Deus a não ser no âmbito secular, em „todas as coisas deste mundo“, como Inácio de Loyola definiu: quer dizer, nas pessoas humanas com suas preocupações e necessidades, suas alegrias e esperanças, nos animais, nas plantas e nas pedras, nas situações concretas e nas circunstâncias sociais, nos acontecimentos e nas experiências da história. Portanto, a pessoa religiosa não precisa ir ao deserto, subir ao cume de um monte ou refugiar-se no mundo interior da alma (apesar de poder fazer isto também!) para procurar a Deus. Não precisa despedir-se do mundo para encontrar a Deus. Este é o ensino da Bíblia, com a qual estamos comprometidos. Na história da Igreja é possível encontrar ainda uma outra influência predominante: A realidade como sendo constituída de duas partes desiguais; ou seja: do „mundo“, considerado como uma coisa inferior ou mesmo ruim, e do „espírito“, considerado como o melhor ou até mesmo a coisa única válida e boa.

Nesta perspectiva, a única preocupação importante consistiria em ocupar-se exclusivamente das coisas espirituais, mortificando os sentidos, estimulando o poder da alma, fugindo do mundo, entregando-se a Deus. Essa mentalidade cria um dualismo irreconciliável. Os ascetas do cristianismo primitivo saíram das cidades e se refugiaram no deserto. Seus seguidores procuravam a vida religiosa pela renúncia às suas posses (= pobreza), à vontade própria (= obediência) e à sexualidade (= virgindade). Evidentemente, esses três pontos de cristalização da vida cristã contêm muitos conteúdos positivos e preciosos. Por este motivo, continuam constituindo – para inúmeros cristãos – motivos e perspectivas essenciais, válidas até hoje. Porém, desde o início estavam penetradas por um espírito dualista, marcado pelo desprezo do mundo.



O dualismo tem ainda outras raízes que não são nem cristãs. Por isso, não convém que seja um motivo condutor (= *leitmotiv*) para a vida franciscana. O mundo real é a criação de Deus, o lugar onde a glória de Deus se manifesta e quer resplandecer. Mesmo sendo verdade que Deus habita na alma humana individual, normalmente costuma agir através da história dos povos. Mostrou-se na sarça ardente a Moisés, para usá-lo como instrumento numa obra histórica e salvífica: devia conduzir o povo de uma situação de opressão e dependência à plena liberdade. Deus está presente nos processos de libertação dos povos e no engajamento em prol de mais justiça e paz. Ele se encarnou (Jo 1) e quer continuar presente no mundo até o fim dos tempos (Mt 28,20). Quem deseja seguir a Deus, tem que segui-lo mundo adentro.

## O mundo como „convento“

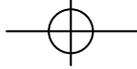
2.2.



À primeira vista, também Francisco e Clara foram marcados pelo espírito de dualismo. Jejuavam e se mortificavam, tratavam mal o seu „irmão jumento“, quer dizer, seu próprio corpo, com tanta dureza que chega a ser quase incompreensível hoje em dia. Os dois „saíram do mundo“. Francisco usou esse termo para expressar que o beijo que deu ao leproso significava realmente uma mudança radical na sua própria vida. Porém, com esse passo não chegou a um estado extraterrestre, muito pelo contrário. Talvez seja bom lembrar aqui o trecho

onde o próprio Francisco descreve sua conversão: *„Foi assim que o Senhor me concedeu a mim, Frei Francisco, iniciar uma vida de penitência: como estivesse em pecado, parecia-me deveras insuportável olhar para os leprosos. E o Senhor mesmo me conduziu entre eles e eu tive misericórdia com eles. E enquanto me retirava deles, justamente o que antes me parecia amargo se me converteu em doçura da alma e do corpo. E depois disto demorei só bem pouco e abandonei o mundo“* (Test 1).

Em primeiro lugar, é preciso chamar atenção ao fato de que Francisco encontrou Deus no mundo, no abraço de um pobre excluído, desprezado e miserável, no encontro com a miséria social, que o confrontou na pessoa de um leproso. Portanto, Francisco abandonou um certo tipo de „mundo“, ou seja, o mundo marcado pela desumanidade, que continua produzindo sempre novos „leprosos“. E ele se integrou num outro mundo: num mundo caracterizado pela compaixão, que resgata o leproso, reintegran-



do-o no meio da sociedade. Francisco quer um mundo que termina com todas as formas da exclusão e onde se consegue chegar à experiência de Deus; assim como acontece num encontro autêntico, num abraço amigo, num beijo.

Que Francisco, de fato, não deixou o mundo, mas considerava o mundo como o lugar próprio para sua nova forma de vida, é demonstrado, por exemplo, pela nova lei que deu à sua fraternidade: „Quando os irmãos andarem pelo mundo, (devem encarnar o espírito do Evangelho)“ (RegNB 14). Francisco concebia a sua comunidade como uma fraternidade nômade: Não devia fixar-se definitivamente em lugar nenhum, nem nos montes, nem nos vales. Ao máximo, poderia repousar-se por um pouco de tempo, para depois partir novamente e continuar a caminhada.

Num jogral maravilhoso, chamado „Sacrum Commercium“, que foi escrito em meados do século XIII por um franciscano desconhecido, conta-se como a „Senhora Pobreza“ pediu aos frades que lhe mostrassem o seu convento. „Conduziram-na a um certo monte, mostraram-lhe a região toda que se podia ver, e disseram: ‘Senhora, este é o nosso convento!’“ (SCom 63).

O mais famoso poema escrito por São Francisco, „O Cântico do Irmão Sol“, não é outra coisa do que uma transposição quase litúrgica – em forma de hino – de uma espiritualidade profundamente secular.

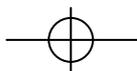
Portanto, seria muito proveitoso procurar ler também os outros escritos de Francisco sob um ângulo „secular“. Comparemos, por exemplo, a „Regra Não-bulada“ com a „Carta aos Fiéis“. A Regra Não-bulada é o fundamento da Primeira Ordem, assim como a Carta aos Fiéis é o fundamento da Ordem Terceira. Por via de regra, encontramos poucos trechos na Regra que não poderiam estar também na Carta, e vice-versa. Além disso, muitas das frases são quase idênticas. Isto obriga a concluir que tanto a Primeira como a Terceira Ordem, e provavelmente também a Segunda Ordem, são mantidas pela mesma dinâmica espiritual, ou seja, é preciso procurar, encontrar e testemunhar Deus no mundo. Em outras palavras, nossa missão não consiste em outra coisa do que sermos testemunhas de Deus no mundo.

## A alienação da vocação franciscana

2.3.

Não foi possível manter por muito tempo a índole secular da vocação franciscana. Logo nasceram correntes contrárias que conseguiam reconduzir o movimento de volta por trilhos tradicionais:

- Por exemplo, foram introduzidos na Regra Não-bulada os três „Conselhos Evangélicos“. Pouco antes que essa Regra fosse escrita, a vida religiosa foi reduzida na Igreja à prática dos três assim chamados Conselhos Evangélicos. A Cúria papal estava



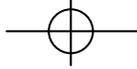


de tal modo fascinada por eles que insistia em incluí-las também na Regra franciscana. Foi somente uns cinqüenta anos depois que a Regra franciscana ficou pronta, que a pobreza, a obediência e a virgindade, conhecidas em seu conjunto como os „Conselhos Evangélicos“, ocuparam o lugar central. São considerados elementos essenciais e constitutivos de qualquer comunidade religiosa. De sua parte, os dois grandes teólogos, o franciscano Boaventura e o dominicano Tomás de Aquino, contribuíram para que isto acontecesse. Sem dúvida, essa teologia pertence ao que há de melhor no pensamento da Igreja sobre uma das formas da vida cristã. Todavia, não se deve esquecer que – deste modo – o específico de cada espiritualidade é relegado ao segundo plano.

Em vez de testemunhar pela secularidade da espiritualidade franciscana, os próprios franciscanos logo insistiram na distância

que os separava do mundo, em função dos Conselhos Evangélicos. A possibilidade de interpretar até os Conselhos Evangélicos de um modo „secular“ é uma intuição que ressurge somente em nossos dias. Durante os séculos passados formaram a grande barreira que separava a Primeira e a Segunda Ordem da Ordem Terceira.

● Não demorou muito, e o muro da clausura também chegou a fazer parte da Ordem franciscana. Em vez de morar provisoriamente em certos lugares, assim como Francisco tinha designado, as comunidades franciscanas começaram a habitar em „conventos“, constituídos por edifícios sólidos que pareciam verdadeiras fortalezas. A separação do mundo, ou seja, das pessoas do mundo, acabou sendo quase absoluta. Sobretudo para as Clarissas, a clausura se tornou inexpugnável. Existem indicações suficientes para demonstrar que esta evolução foi promovida pela Igreja hierárquica. Sobretudo a Segunda Ordem recebeu uma Regra pelo Cardeal Hugolino, o futuro Papa Gregório IX, que consistia em mais da metade de prescrições que tocam a questão da clausura. Tanto a Primeira como a Segunda Ordem foram adaptadas à vida monástica conhecida até então. Certamente, isto não correspondia às intenções nem de São Francisco, nem de Santa Clara.



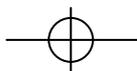
● Pouco tempo depois, seguiu-se a „clericalização“ da Primeira Ordem. A partir da sua espiritualidade, Francisco era um leigo, mesmo sendo membro da hierarquia eclesial pela sua posição como diácono. Foi vontade dele que os seus irmãos pertencessem – como simples leigos –, ao grau básico da Igreja (cf. 2Cel 148) mesmo quando eram incumbidos de missões especiais. No meio do povo deviam viver a radicalidade do Evangelho, sendo pobres entre pobres, vivendo a fraternidade em comunidades concretas, anunciando a presença de Deus na situação do dia-a-dia e no mundo inteiro, unindo-se a todos os que crêem e que querem formar a Igreja de Jesus Cristo.

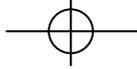
● Com a entrada dos primeiros sacerdotes, por exemplo, do irmão Pedro Cattani, essa intenção foi desrespeitada. A admissão de clérigos se desenvolveu e multiplicou até constituir uma legalidade própria: havia cada vez mais sacerdotes ordenados, até que eles ocupassem todos os níveis da vida franciscana. Francisco sempre se opôs a essa evolução; mas logo depois da sua morte, irmãos foram nomeados bispos e chegaram até a serem eleitos Sumos Pontífices. Com isto se completou uma total dessecularização, em detrimento da intenção primitiva de Francisco. Seguramente o Santo não previu essa evolução. Acreditava, pelo contrário, que os sacerdotes que se juntavam à sua Ordem, seriam capazes de submeter-se ao novo espírito – por ele desenvolvido – de doação ao mundo. Em consequência de evoluções modernas em nossos dias, voltam a existir chances reais de poder reencontrar a intenção original de Francisco.

● Do mesmo modo, a Ordem Terceira afastou-se cada vez mais do mundo. Nos lugares onde chegou a formar comunidades estáveis, também começou a erigir muros de separação e clausuras. Nos lugares onde membros da Ordem Terceira continuavam vivendo „no mundo“, procuravam criar uma espécie de clausura „dentro dos seus corações“. Formavam associações piedosas, sem influência significativa na sociedade que as cercava. Até que ponto a Ordem Terceira continua sofrendo dessa imagem, é exemplificado pela situação na qual se encontra atualmente em muitas partes do mundo moderno.

Entretanto, durante a Idade Média, a Ordem Terceira chegou a causar um real impacto na sociedade civil, apesar ou talvez justamente por causa do pensamento penitencial que a marcou. Por exemplo, os membros da Ordem Terceira se recusaram ao serviço militar, pois sua Regra lhes proibiu de carregar armas. Isto levou a um questionamento do sistema político vigente. Apesar – ou até por causa – da obrigação de fazer penitência, que lhe era fundamental, a Ordem Terceira teve certos resultados sociais. Um exemplo é a recusa ao serviço militar e a consequente resistência aos sistemas políticos vigentes.

Essas poucas indicações são suficientes para justificar o apelo de „retornar às fontes!“ Como família franciscana, vamos voltar a redescobrir a nossa espiritualidade original





de secularidade; pois – apesar de todas as diferenças – ela continua sendo o traço unificador entre nós.

## A devoção natalina dos franciscanos

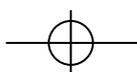
2.4.

Para reencontrar a nossa „secularidade“, deveríamos procurar responder à pergunta por que Francisco considerava Natal „a festa das festas“ (2Cel 199). Para muitos teólogos, essa afirmação é uma aberração da piedade popular. No seu parecer, a época pascal (de Sexta-feira Santa até Pentecostes) constitui o ponto alto do Ano litúrgico. De fato, em muitas partes, a festa de Natal foi reduzida a um acontecimento folclórico, sentimental e sem compromisso, uma espécie de fuga da realidade a um mundo tanto interior quanto irreal, que não tem nada que ver com a verdadeira vida.

Porém, é possível ver o Natal também de uma outra maneira. Nas suas teses, o teólogo Francisco Duns Scotus partiu teologicamente do amor de Deus. Deus se identifica de tal modo com o Amor, que não pode ser entendido como isolado ou único. Não é, portanto, „um ser que existe para si mesmo“, como foi formulado por vários filósofos. Pelo contrário, Deus é total doação, total entrega. Por isso, quer um mundo onde as criaturas amem a si mesmas e aos outros, formando uma única criação interdependente, que constitui uma espécie de rede, uma realidade definida pelas suas relações mútuas e não pelas suas delimitações e separações. Por este motivo, de um modo insuperável, Deus mesmo se fez presente numa criatura: Jesus de Nazaré. Através d’Ele, deseja amar todo mundo e ser amado por todo mundo. Todos hão de reconhecer onde está o seu centro, para poder crescer à plena unidade no amor.

É por isso que Francisco celebrou a vinda de Deus ao mundo. Para ele, Deus é a encarnação da humildade, que se encontra até nas mínimas coisas: numa criança que nasce num estábulo, no meio da indigência, na falta de abrigo, na pobreza e na miséria, em todas as necessidades, criadas por uma economia e uma política que permitam e aceitem a situação de refugiados e exilados, de pobres e leprosos como uma espécie de subprodutos. Deus nos convida a procurá-lo no meio dos pobres, também entre as criaturas sofredoras e famintas, entre seres humanos e animais. Por este motivo, Francisco queria conseguir que tanto o Imperador como também „todos os governantes dos povos“ no mundo inteiro promulgassem leis que reconheçam essa verdade. Para ele, o Natal dá o impulso para superar tanto a pobreza como a fome, para constituir o fundamento da verdadeira humanização das pessoas.

A continuação do Natal acontece na Eucaristia: Deus „se humilha todos os dias“, entrando num pedaço insignificante de pão, partilhado pelos que acreditam nele (Adm 1). Deus quer que – diariamente de novo – as pessoas se encontrem juntas na sua presença. Ninguém deveria continuar a se apegar a seus propósitos egoístas, ninguém





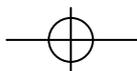
deveria esconder-se no seu ninho individual, mas todos têm que levantar-se de todos os lados para recomeçar a se reencontrar mutuamente e ao mundo inteiro: o mar e o campo, a terra e o céu, tudo há de reviver (CtOrd) e a „beatífica comunhão“ (ParPn) que existe no céu há de se tornar visível e reconhecível já aqui na terra.

Natal significa uma subversão diária dos valores e uma transformação radical do comportamento humano. Aquilo que parece pequeno e insignificante, tem que ser considerado grande; aquilo que é considerado importante e valioso, tem que reverter à categoria das coisas sem valor. Os pensamentos de Deus não são os pensamentos humanos. Os leprosos pertencem ao centro, os poderosos têm de ceder-lhes o lugar central. A família franciscana é destinada a trazer a mudança divina e revolucionária para dentro do mundo, assim como Maria o exprimiu no seu *Magnificat*.

E é assim que Deus se une irrevogavelmente ao mundo. E somente aqueles que seguem o exemplo de Deus, assumindo o mundo para mudar o seu destino para o bem, estão do lado de Deus. Cruz e Ressurreição são extensões desse pensamento, são condensações, culminações, conseqüências d'Ele. Portanto, Deus chega a ser a força histórica e modificadora para todos os que acreditam na Religião da Encarnação e que dão testemunho dela.

Numa carta escrita por Francisco, ele definiu as pessoas que têm fé como „mães de Deus“. Como Maria, também nós podemos conceber Deus, carregando-o em nós e fazendo-o nascer pelas nossas boas obras. Portanto, podemos contribuir com nossa parte, para que Deus esteja realmente presente no mundo, de um modo visível e palpável (cf. 2CtCust 53). A seu modo, também Clara de Assis dá testemunho do mesmo mistério da Encarnação de Deus. Assumiu o pensamento místico do seu amigo Francisco para o aprofundar, alcançando um ponto alto na sua experiência interior, ao escrever à sua amiga, Inês de Praga:

*„Ama totalmente aquele que totalmente se deu por teu amor, aquele cuja beleza o sol e a lua admiram e cuja generosidade, preciosidade e grandeza não têm limites, isto é, ao Filho do Altíssimo, que nasceu de Maria, a qual permaneceu virgem depois do parto. Prende-te àquela dulcíssima Mãe, que engendrou tal filho que os céus não podiam conter e que, todavia, ela conteve no pequeno claustro de seu santo corpo e trouxe no seu seio virginal“ (3CtIn 3).*



O infinitamente grande se limita; o inatingível se deixa tocar. Aqui Clara retoma o motivo de um antigo hino a Maria:



*Quem terra, pontus, aethera,  
Colunt, adorant, praedican,  
Trinam regentem machinam  
Clastrum Mariae bajulat.*

*Aquele que a terra, o mar e o ar  
louvam, adoram e veneram;  
aquele, Senhor dos três mundos,  
foi contido no seio de Maria.*

Seria bom se nós nos detivéssemos um pouco mais neste pensamento da livre autolimitação de Deus; pois, há de ficar o pensamento central da fé cristã. O fato da criação já foi um ato de autolimitação; Deus se retirou, se limitou para que a criação tivesse espaço, tivesse uma história autônoma, para que os seres humanos tivessem sua liberdade. E quando Deus se revela, então se submete à sua própria criação, se entrega nas mãos dos seres humanos, se deixa tocar, se faz presente em tudo que não é Deus.

Clara persegue essa idéia até os seus extremos: *„Vejo como é manifesto que a alma do homem fiel, pela graça de Deus, a mais digna das criaturas, é maior do que o próprio céu. Pois os céus e todas as outras criaturas não conseguem conter o Criador, mas somente a alma do homem fiel pode ser sua mansão e sua morada. Isto é apenas possível pela caridade da qual estão privados os ímpios. Ora, aquele que é a Verdade diz: ‘Quem me ama, será amado pelo meu Pai e eu o amarei, e nós viremos a ele e nele faremos a nossa morada’ (Jo 14,21.23)”* (3CtIn 4). Aquilo que aconteceu a Maria a nível biológico-histórico, continua sendo uma possibilidade real em nível místico-espiritual para todo cristão que tem fé: a consciência de Deus, a Encarnação de Deus, a habitação de Deus dentro do ser humano.

Neste sentido, Clara escreveu a Inês: *„Assim como a gloriosa Virgem das virgens o trouxe materialmente em seu corpo, da mesma maneira também tu, seguindo os seus passos, especialmente a humildade e a pobreza, sem dúvida alguma, poderás trazê-lo espiritualmente no teu casto e virginal coração. Deste modo, conterás aquele pelo*

*qual tu e todas as criaturas são contidas. Igualmente possuirás algo mais precioso do que o resto dos bens passageiros que este mundo pode oferecer” (3CtIn 4).*

Portanto, também para Santa Clara, o objetivo da Encarnação de Deus é o mundo, o universo.

## A perspectiva da Ordem Terceira

2.5.

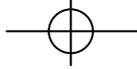
É essa visão mística que Francisco coloca no início da carta que escreveu às irmãs e aos irmãos da Ordem Terceira, como se quisesse dizer: É isto o que vocês, irmãs e irmãos, devem levar por toda parte pelo mundo afora. Deus se uniu real e fundamentalmente à verdadeira carne de nossa humanidade e fragilidade. Já não há miséria, nem fraqueza ou necessidade que não tenha nada que ver com Deus. Os pobres são os verdadeiros destinatários do amor de Deus. Este amor é ilimitado e incondicional. Disso é testemunha a celebração da Eucaristia, disso é sinal cada crucifixo. Isto é o pensa-

mento fundamental que há de marcar tanto a Ordem Terceira, quanto a Primeira e a Segunda Ordem. Apesar de todas as diferenças que demonstram entre si, a Encarnação de Deus é para todas as três o motivo obrigatório, a perspectiva mais fascinante. Para podermos conferir esta afirmação, segue aqui o texto na sua íntegra:

*„Esta Palavra do Pai, tão digna, tão santa e tão gloriosa, o altíssimo Pai a enviou do céu, por seu arcanjo São Gabriel, ao seio da Santa Virgem Maria, de cujo seio recebeu a verdadeira carne da nossa humanidade e fragilidade. E, ‘sendo rico’ (2Cor 8,9) acima de toda medida, preferiu todavia escolher, com sua bem-aventurada Mãe, a vida da pobreza.*

*Na véspera de sua paixão, celebrou a Páscoa com os seus discípulos e, tomando o pão, deu graças e benzeu-o, dizendo: ‘Tomai e comei: este é o meu corpo’. E tomando o cálice, disse: ‘Este é o meu sangue do Novo Testamento, que por vós e por muitos será derramado para remissão*





dos pecados' (cf. Mt 26,26; Lc 22,19). Em seguida, orou ao Pai e disse: 'Pai, se for possível, passa de mim este cálice' (Mt 26,39). E seu suor se tornou como gotas de sangue que corre para a terra (Lc 22,44). Abandonou porém sua vontade na vontade do Pai e disse: 'Pai, faça-se a tua vontade, não se faça como eu quero, senão como tu queres' (Mt 26,42.39).

Ora, a vontade do Pai era que seu bendito Filho glorioso que nos havia dado e o qual por nós nascera, se oferecesse a si mesmo por seu próprio sangue como oferenda de sacrifício sobre o altar da cruz, não para si mesmo, 'por quem foram feitas todas as coisas' (Jo 1,3), mas em expiação de nossos pecados, legando-nos um exemplo para que seguíssemos as suas pegadas (cf. 1Pd 2,21). E Ele quer que todos sejamos salvos por Ele e o recebamos de coração puro e corpo casto. Mas infelizmente são poucos os que o recebem e por Ele querem ser salvos, embora seja suave o seu jugo e leve o seu fardo (Mt 11,30)" (2CtFi 4-15).

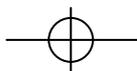
## O encargo missionário

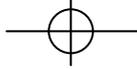
2.6.

Entre os fundadores de Ordens religiosas, Francisco foi o primeiro que „ancorou“ firmemente o encargo missionário como um ponto fundamental na sua Regra, que – inicialmente – não foi formulado em vista dos clérigos, mas para os irmãos em geral (e, conseqüentemente, podemos acrescentar também: para as irmãs) que não são sacerdotes. Francisco colocou a exortação feita por leigos como a forma primitiva de anunciar o Evangelho „entre os sarracenos“.

Convém comparar a forma dessa „exortação“ (RegNB 21) permitida aos leigos, com o texto do encargo oficial de pregação missionária destinada aos que seriam enviados oficialmente „entre os sarracenos“ (RegNB 16,6). Verifica-se que entre as duas formas, a concordância é quase perfeita. Com outras palavras, a expressão „entre os sarracenos“ indica que a exortação permitida aos leigos seria feita no meio de culturas remotas e em lugares de missão, como se dizia antigamente, ou seja, em contextos sociais até então desconhecidos.

Essa exortação visava preparar o povo à recepção dos sacramentos que os sacerdotes deveriam administrar em seguida. Na intenção de Francisco, constitui a primeira e fundamental tarefa dos Frades Menores, e – em conseqüência – de todos os irmãos e irmãs em geral, seja qual for a comunidade à qual pertençam. Isto se torna ainda mais claro, quando se medita o trecho inteiro da Regra Não-bulada onde está escrito: „Se pois houver irmãos que quiserem ir para entre os sarracenos, (...) poderão proceder de duas maneiras espiritualmente com os infiéis: O primeiro modo consiste em absterem-se de rixas e disputas, submetendo-se 'a todos os homens por causa do Senhor' (1Pd 2,13) e confessando serem cristãos. O outro modo é anunciarem a palavra de Deus





quando o julgarem agradável ao Senhor" (RegNB 16,3.6-8).

Esse encargo missionário é simplesmente revolucionário, apesar do fato de que – até hoje – não ter sido nem reconhecido nem realizado pela maioria das comunidades franciscanas. Trata-se de uma singela presença no meio do povo. Será que esse encargo não constitui um eco longínquo à afirmação do próprio Deus quando declarou: „Eu sou o EU SOU“ (Ex 3,14)?

Para falar em termos do Novo Testamento, não parece ser o testemunho de um Deus que se encarnou totalmente ao assumir a natureza humana? Trata-se da vontade de submeter-se, de integrar-se, de ser reconhecido pelos seres humanos e na sua cultura, assim como na criação em geral.

Trata-se de existência, atualização, presença, que não sejam causa nem de rixas, nem de disputas, nem de guerras, mas uma dinâmica do próprio Deus encarnado, celebrado pelos anjos por um cântico de Paz ao nascer no mundo. Tudo isto é fundamentalmente „secular“, porque possibilita a encarnação de Deus dentro do mundo, o auto-aniquilamento por amor e a renúncia total a todas as formas de poder. Eis a tarefa fundamental dos cristãos, sobretudo dos leigos e, depois, também dos clérigos.



## vangelização

3.

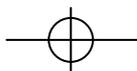
Pelo conceito de „evangelização“, que foi adotado há pouco tempo, não se pode tratar de outras coisa senão do testemunho de um Deus encarnado em todas as esferas e todas as dimensões do mundo.

## O movimento franciscano como uma vanguarda

3.1.

Ao anunciar, oficialmente, o Concílio Vaticano II (*Humanae Salutis*), em 25 de dezembro de 1961, o Papa João XXIII constatava: „Se hoje em dia há uma exigência feita à Igreja, é a de colocar a humanidade moderna em contato com a força imperecível, vitalizante e divina do Evangelho“.

Em termos extremamente corajosos, o Conselho Plenário da Ordem dos Frades Menores (Salvador 1983) definiu o lugar do movimento franciscano na Igreja: „Como Irmãos Menores, somos chamados a ser ‘a vanguarda evangelizadora’, em uma Igreja



que deve, a cada passo, reencarnar-se e renovar-se. Em conseqüência, temos de prestar o máximo de atenção e ter muita sensibilidade para com todos os movimentos do Espírito, dentro e fora da Igreja. Além de servir aos fiéis, vemos ser necessário atingir ainda, em nossas próprias comunidades, aqueles que ainda não foram tocados pelo Evangelho, e aqueles que se afastaram do Evangelho, tal como se lhes apresenta de modo tradicional" (Bahia 1983, 17).

Evidentemente, essa definição vale não somente para os franciscanos em sentido estrito, mas também para todos os leigos e religiosos que – de uma maneira ou de outra – têm em São Francisco e Santa Clara seus pontos de referência.

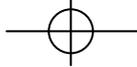
Seria bom relermos o texto citado com muita atenção: o movimento franciscano situa-se dentro da Igreja; no entanto, não somente do lado daqueles que andam em trilhos já antigos ou que só consideram válidas coisas bem provadas.

A Igreja recebeu um desafio do mundo. Desde o Concílio Vaticano II, quer arriscar-se e entrar em terras novas. Para poder fazê-lo, precisa de exploradores que a precedam, pessoas que gostem do risco, da aventura, da experiência. Em outras palavras: a Igreja precisa de uma vanguarda, à qual possa unir-se para seguir confiante. A partir de sua autocompreensão e da sua história, o movimento franciscano é chamado a assumir essa tarefa. Também por pessoas de fora, o movimento está recebendo estímulos e está sentindo expectativas neste sentido.

Já em 1927, quer dizer, muitos anos antes do Vaticano II, o jesuíta Peter Lippert escreveu palavras que refletem, hoje em dia mais do que naquela época, as expectativas do nosso tempo: *„Os princípios organizatórios que São Bento, São Domingos e Santo Inácio trouxeram às suas novas comunidades, parecem ter esgotado as suas capacidades de adaptação aos tempos modernos. Isto não quer dizer que sejam obsoletos ou substituíveis. Porém, aquele elemento absolutamente novo, procurado por tantas almas e através de tantas experiências de fundações novas, encontra-se, provavelmente, apenas na linha do ideal primitivo de São Francisco; quer dizer, na linha da criatividade livre, da comunidade aberta ao amor; na linha da existência que age com simplicidade, sem se amarrar a construções artificiais da vontade; na linha da personalidade original e espontânea, que obedece unicamente a uma lei interior e que se forma pela autodisciplina. Se por acaso, um dia, Deus der à sua Igreja a Ordem do futuro, esperada com ânsia por tanta gente, já hoje em dia, esta Ordem, provavelmente, terá as feições de São Francisco“* (P. Lippert em: *Stimmen der Zeit*, 1927).

Um outro jesuíta assumiu esses pensamentos, unindo-os aos acontecimentos e às intuições do Concílio Vaticano II. Mário von Galli afirma no seu livro *Gelebte Zukunft* que Francisco de Assis foi o tema clandestino do Vaticano II, e que a Igreja evoluiu em direção ao caminho tomado por Francisco.

Através destes testemunhos, uma expectativa geral se faz sentir, concentrando a sua atenção no movimento franciscano. É possível até enumerar correntes específicas do



nosso tempo que se inspiram, de um modo muito especial, no modelo franciscano:

● O movimento em prol da Paz. Muita gente engajada neste movimento refere-se explicitamente a Francisco, esperando que as Ordens franciscanas se engajem de modo resoluto, fazendo-se porta-voz desta causa autenticamente franciscana.

● A Igreja dos pobres. No mundo inteiro, há pessoas assumindo o compromisso de lutar por uma Igreja dos pobres. Gostam de recorrer a Francisco, confrontando-se com a sua figura e esperando que aqueles que professam seguir o estilo de vida do Santo estejam presentes lá onde a Igreja está se engajando na causa dos pobres.

● O movimento ecológico. Pessoas de destaque, empenhadas em preservar a natureza e em defender o meio ambiente de toda exploração iníqua, insistem que é necessário lembrar-se explicitamente dos fundamentos religiosos colocados por São Francisco para que o mundo possa sobreviver. Neste sentido, esperam (declaram que São Francisco foi o único quem previu fundamentos religiosos capazes de garantir a sobrevivência da Terra. Também estas pessoas estão esperando) um engajamento total por parte do movimento franciscano.

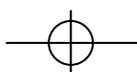
Seria possível continuar a enumeração: há movimentos visando o diálogo com outras religiões, a missão, o encontro fraterno com outras culturas, a influência sobre a sociedade civil, a contemplação... A todas estas correntes Francisco teria algo a dizer; com todas elas o movimento franciscano tem um compromisso a realizar.

É por este motivo que o movimento franciscano deve lembrar-se de retornar às suas origens; deve beber das fontes das quais brotou. É com este objetivo que oferecemos este Curso, pois queremos ser o que deveríamos ser, isto é, testemunhas da Encarnação de Deus no mundo e vanguarda da evangelização.

### Fontes eclesiais e franciscanas\*

<b>Bíblia</b>	Jo 1,1-16; Fl 2,1-11; Tt 3,4-7
<b>Documentos da Igreja</b>	<i>Evangelii Praecones, Evangelii Nuntiandi, Humanae Salutis, Redemptor Hominis, Redemptoris Missio</i>
<b>Fontes</b>	2CtFi 4-15; 2CtFi 53; CtGov; OfP 15; RegNB 14; RegNB 16,5s; Test 1-3; 1Cel 84; 2Cel 199s
<b>Documentos interfranciscanos</b>	
<b>OFM – OFMCap – OFMConv</b>	Salvador, Bahia, 1983
<b>OSC (Clarissas)</b>	
<b>OSF (TOR)</b>	
<b>OFS</b>	
<b>Suplementos</b>	

\* Observação: As fontes podem ser anotadas pelo(s) participante(s) do curso.





## Exercício

# Exercícios

## IV.

1°

Um conhecido cientista contemporâneo, o Prof. Stephen Hawking, nega enfaticamente a existência de Deus. Citamos da sua biografia:

*„Seja como quiser que se entenda a religião, de qualquer modo trata-se de uma opinião muito subjetiva e pessoal. Será que representantes ilustres das diversas Igrejas são realmente melhor informados sobre a origem e o significado da vida do que os cientistas? Por que uma pessoa como Stephen Hawking seria menos autorizada a dar o seu parecer sobre Deus do que qualquer outra pessoa, mesmo bispos ou cardeais? Será que o clero tinha o direito de condenar Galilei ao isolamento e à solidão até o fim de sua vida? Será que tinha o direito de queimar Giordano Bruno à fogueira, porque ousou exprimir uma opinião inusitada e insubmissa sobre o universo? E será que, na história da humanidade, as muitas guerras de religião, com sua seqüela de brutalidades e miséria afligindo a humanidade, tiveram realmente uma justificativa? Será que em todos esses casos, as Igrejas oficiais demonstraram a sua competência?“ (M. White & J. Gribbin, *Stephen Hawking: A Biografia*, Hamburgo 1994, p. 194).*

### Perguntas:

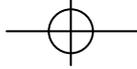
- 1) Quem tem competência para poder falar de Deus?
- 2) O que você pensa deste texto?
- 3) Até que ponto você mesmo se sente autorizado a falar sobre Deus?
- 4) Na sua opinião, qual seria a reação de Francisco e Clara diante deste texto?
- 5) De acordo com o seu parecer, como devia ser a verdadeira religião? Onde você a encontra?



## Exercício

2°

Compare as duas versões da canção:



Em 1876, Joseph Mohr compôs o seguinte texto:

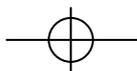
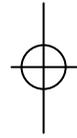
**A. Uma casa cheia de glória**

1. Uma casa cheia de glória domina toda a terra em volta,  
Construída de pedras eternas pela mão artista de Deus.  
//: Deus, nós Vos louvamos; Deus, nós Vos exaltamos!  
Permita que estejamos todos seguros em vossa casa! ://
2. Magnificamente coroada por torres fortes e parapeitos;  
E lá no alto brilha o sinal augusto da Cruz.  
//: Deus... ://
3. Em volta das suas muralhas a tempestade se agita com fúria selvagem.  
A casa continuará ilesa, edificada sobre a rocha firme.  
//: Deus... ://

Em 1972, Hans W. Marx modificou o texto:

**B. Uma casa cheia de glória domina**

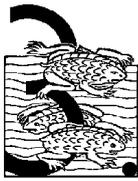
1. Uma casa cheia de glória domina toda a terra em volta,  
Construída de pedras eternas pela mão artista de Deus.  
//: Deus, nós Vos louvamos; Deus, nós Vos exaltamos!  
Permita que estejamos todos seguros em vossa casa! ://
2. Fundada em Sion, ergue-se a santa cidade de Deus,  
Para proclamar ao mundo, aquilo que Deus falou.  
//: Senhor, nós Vos louvamos, nós Vos confessamos;  
Pois, Vós nos chamastes para sermos testemunhas no mundo. ://
3. O único fundamento da Igreja é Jesus Cristo,  
Se ela não observa senão a Ele, estará em paz.  
//: Senhor, nós Vos exaltamos, em Vós nos apoiamos;  
Guardai-nos sempre firmes, sobre este fundamento. ://
4. Olhem a tenda de Deus na terra, onde Ele está escondido.  
Com gestos humanos continua a estar perto de nós.  
//: Senhor, nós Vos agradecemos, em Vós confiamos,  
Livrai-nos da aflição e socorrei-nos na luta. ://
5. O Senhor quer conduzir o seu povo peregrino através do tempo;  
E no fim do mundo terá a sua casa preparada para ele.  
//: Deus, nós Vos louvamos; Deus, nós Vos exaltamos!  
Permiti que sejamos todos seguros em vossa casa! ://





### Perguntas:

- 1) Identifique as duas imagens de Igreja que inspiraram as duas versões desta canção. Indique claramente a diferença entre elas.
- 2) Como você interpreta a mudança de mentalidade que aconteceu entre as duas versões?
- 3) Que imagem de Deus pressupõem os dois textos?
- 4) Caracterize as duas formas de religião que as inspiraram. Qual é a sua opinião pessoal a respeito?



### Exercício

3°

Diálogo entre a razão e Santo Agostinho:

**A razão:** „O que você quer saber?“

**Agostinho:** „Tudo aquilo que peço na oração.“

**A razão:** „Faça um resumo disso!“

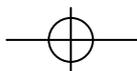
**Agostinho:** „Conhecer a Deus e a alma, eis o meu desejo!“

**A razão:** „Nada mais?“

**Agostinho:** „Não! mais nada!“

### Perguntas:

- 1) Até que ponto esse diálogo poderia ser de Francisco?
- 2) Neste texto, qual o papel desempenhado pelo corpo humano, pelo mundo criado, pelos outros seres humanos? O que você pensa a respeito?
- 3) Invente um diálogo entre a Razão e São Francisco, no qual a criação e os seres humanos tenham o seu lugar.





Leia os seguintes textos:

**1) De: *Evangelii Praecones* (= Sobre o fomento das missões), encíclica do Papa Pio XII, 1951:**

**Nº 16:** „O trabalho que ainda resta a fazer no campo das missões requer enorme esforço de trabalho e muitos operários. Lembremo-nos que nossos irmãos ‘que jazem nas trevas e nas sombras’ (Sl 106,10) formam multidão imensa de aproximadamente um bilhão de homens. Parece ainda ressoar o lamento do amantíssimo Coração de Jesus: ‘tenho outras ovelhas que não são deste redil, e é preciso reconduzi-las, e ouvirão a minha voz e far-se-á um só rebanho e um só pastor’ (Jo 10,16)“.

**2) De: *Evangelii Nuntiandi*, exortação apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo, do Papa Paulo VI, 1975:**

**Nº 4:** „A Evangelização levanta três problemas candentes, que o Sínodo dos Bispos de 1974 teve constantemente diante dos olhos: – O que é que é feito, em nossos dias, daquela energia escondida da Boa-nova, suscetível de impressionar profundamente a consciência dos homens? – Até que ponto e como é que essa força evangélica está em condições de transformar verdadeiramente o homem deste nosso século? – Quais os métodos que hão de ser seguidos para proclamar o Evangelho de modo a que a sua potência possa ser eficaz?“

**Nº 19:** „Para a Igreja, não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores em dimensões de massa, mas de chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação.“

**Nº 20:** „Importa evangelizar, não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto até às suas raízes, a cultura e as culturas do homem, no sentido pleno e amplo que estes termos têm na Constituição *Gaudium et Spes* (50), a partir sempre da pessoa e fazendo continuamente apelo para as relações das pessoas entre si e com Deus.“

**Nº 21:** „E esta Boa-nova há de ser proclamada, antes de mais nada, pelo testemunho...“



*Por força deste testemunho sem palavras, estes cristãos fazem aflorar no coração daqueles que os vêem viver, perguntas indeclináveis: Por que é que eles são assim? Por que é que eles vivem daquela maneira? O que é – ou quem é – que os inspira? Por que é que eles estão conosco? Pois bem, um semelhante testemunho constitui já proclamação silenciosa, mas muito valiosa e eficaz da Boa-nova. Nisso há já um gesto inicial de evangelização. (...) Todos os cristãos são chamados a dar este testemunho.”*

A exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, é considerada a „Carta Magna“ da ação missionária da Igreja. Este documento é o fruto e o resumo do Sínodo Episcopal de Roma, do ano 1974, onde os bispos dos países do hemisfério sul formaram a maioria.

### **3) De: *Redemptor Hominis*, encíclica do Papa João Paulo II, 1979.**

---

**Nº 14:** (46) *„O homem, na plena verdade da sua existência, do seu pessoal e, ao mesmo tempo, do seu ser comunitário e social – no âmbito da própria família, no âmbito de sociedades e de contextos bem diversos, no âmbito da própria nação, ou povo (e, talvez, ainda somente do clã ou da tribo), enfim, no âmbito de toda a humanidade – este homem é o primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no cumprimento da sua missão: ele é a primeira e fundamental via da Igreja, via traçada pelo próprio Cristo e via que imutavelmente conduz através do mistério da encarnação e da redenção...”*

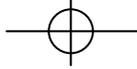
(48) *„É este homem assim que é a via da Igreja; via que se encontra, de certo modo, na base de todas aquelas vias pelas quais a Igreja deve caminhar: porque o homem – todo e cada um dos homens, sem exceção nenhuma – foi remido por Cristo; e porque com o homem – cada homem, sem exceção alguma – Cristo de algum modo se uniu, mesmo quando tal homem disse não se acha consciente: ‘Cristo, morto e ressuscitado por todos os homens, a estes – a todos e a cada um dos homens – oferece sempre... a luz e a força para poderem corresponder à sua altíssima vocação’ (GS 10)“.*

### **4) De: *Redemptor Missio*, encíclica do Papa João Paulo II, 1990.**

---

**Nº 31:** *„O Senhor Jesus enviou seus apóstolos, a todas as pessoas, a todos os povos e a todos os lugares da terra. Nos apóstolos, a Igreja recebeu uma missão universal, sem limites, referindo-se à salvação em toda a sua integridade, segundo aquela plenitude de vida que Cristo veio trazer (cf. Jo 10,10): ela foi ‘enviada para manifestar e comunicar a caridade de Deus a todos os homens e povos’ (Ad Gentes, 10).*

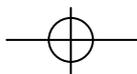
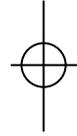
*Esta missão é única, sendo a mesma a sua origem e fim; mas, na sua dinâmica de realização, há diversas funções e atividades. Antes de tudo, está a ação missionária,*



denominada 'missio ad gentes' pelo decreto conciliar: trata-se de uma atividade primária e essencial da Igreja, jamais concluída. Com efeito, a Igreja 'não pode eximir-se da missão permanente de levar o Evangelho a quantos – e são milhões e milhões de homens e mulheres – ainda não conhecem Cristo Redentor do homem. Esta é a tarefa mais especificamente missionária que Jesus confiou e continua, quotidianamente, a confiar à sua Igreja'" (Christifideles Laici, 35: AAS 81 [1989], p. 457).

### Perguntas:

- 1) **Por que o Papa Paulo VI usa o termo „evangelização“ em vez de usar a palavra „missão“?**
- 2) **Onde está a novidade („Carta Magna“) de *Evangelii Nuntiandi*, comparada com a compreensão tradicional de missão?**
- 3) **Será possível verificar uma evolução nos documentos do Magistério eclesialístico?**





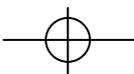
# Aplicações **V.**

## Aplicação

---

### Tarefas:

1. **Descreva ou apresente graficamente:**
  - os problemas do mundo moderno,
  - os problemas do seu país,
  - os problemas da sua região;
  - Como podemos, como comunidade franciscana, corresponder ao apelo do mundo?
  - Como é que isto poderia se apresentar em âmbito mundial?Escreva, desenhe ou dramatize um sonho, uma visão a respeito.
2. Onde é que você consegue discernir sinais de que as Ordens possam ser „vanguarda da evangelização“?
3. Cantem em conjunto algumas músicas que expressem a nova imagem da Igreja.
4. Em grupo, escrevam um novo canto sobre a Igreja.
5. Depois da leitura dessa primeira lição: o que significa para você o termo „evangelização“?



# Bibliografia

## VI.

### **Agostinho**

*Solilóquios* (citado em: P. Sloterdijk, *Weltfremdheit*, Frankfurt a.M. 1993, p. 93).

### **Bíblia Sagrada**

As citações e abreviações da Sagrada Escritura, usadas na tradução para a língua portuguesa, foram tiradas da *Bíblia Sagrada*, da Editora Vozes.

### **Boff, L.**

*São Francisco de Assis: Ternura e vigor – Uma leitura a partir dos pobres* (6a ed., Petrópolis, Vozes, 1996).

### **Bühlmann, W.**

*Wandlung zum Wesentlichen. Der Sinn der Evangelisierung* (Münsterschwarzach 1976).

### **Clara de Assis**

*Os Escritos de Santa Clara*. Tradução de Frei Geraldo Van Buul OFM e Frei Serafim Lunter OFM. Vozes/Cefepal (Petrópolis 1981).

### **Dirks, W.**

*Die Antwort der Mönche* (Olten/Freiburg 1968).

### **Francisco de Assis**

*Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 7a edição, Editora Vozes, em co-edição com Cefepal do Brasil (Petrópolis 1996).

### **Feld, H.**

*Franziskus von Assisi und seine Bewegung* (Darmstadt 1994).

### **Galli, M. von**

*Gelebte Zukunft: Franz von Assisi* (Luzern/Frankfurt a.M. 1970).

### **Glazik, J.**

*Instruktionen der Kongregation für die Evangelisation der Völker* (Trier 1970).

### **João Paulo II**

- *Carta encíclica Redemptor Hominis* (= O Libertador do Homem), de João Paulo II, 1979. Documentos Pontifícios 190, Vozes, Petrópolis 1980.
- *Encíclica Redemptoris Missio* (= Missão de Cristo Redentor) de João Paulo II, 1990. CNBB, Brasília 1990.

### **Lippert, P.**

„Der heilige Franziskus von Assisi“. In: *Stimmen der Zeit* 112 (1927) 1-13.

### **Manselli, R.**

*Franziskus, der solidarische Bruder* (Freiburg 1995).





**Mislin, H. & Lotour, S.**

*Franziskus – der ökumenisch-ökologischen Revolutionär* (Berg/Bodmann 1982)

**Paulo VI**

*Evangelii Nuntiandi* (Exortação apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo). Edições Paulinas, São Paulo 1975.

**Rotzetter, A.**

*Klara von Assisi* (Freiburg 1994)

**Rzepakowski, H.**

*Der Welt verpflichtet. Text und Kommentar des Apostolischen Schreibens 'Evangelii nuntiandi'* (St. Augustin 1976)

**Sabatier, P.**

*Études inédites sur S. François d'Assise*, editado por A. Foffin (Paris 1932) p. 69s.

**Schelbert, G.**

„Das Missionsdekret des II. Vatikanums im Gesamtwerk des Konzils“. In: *Neue Zeitschrift für Missionswissenschaft* 23 (1967) 18-26; 104-114; 194-205.

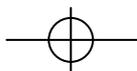
**Schütte, J.** (edit.)

*Mission nach dem Konzil* (Mainz 1967).

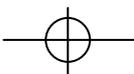
**White, M. & Gribbin, J.**

*Stephen Hawking: Die Biographie* (Hamburgo 1994).

Para o tema desta lição, cf. também todo o fascículo 4: „A evangelização no mundo de hoje“. In: *Concilium* 14 (1978) 209-276.







# Legendas das Ilustrações

---

## VII.

**Capa:** São Francisco. Afresco de Cimabue, Igreja inferior da Basílica de São Francisco, Assis (ca. de 1275-1285).

**Folha de rosto:**

Rosácea da Igreja superior da Basílica de São Francisco, Assis.

**P. 4:** Xilogravura de O. Frick e W. Frick-Kirchhoff (1960).

**P. 6:** Assis – Cidade alta e castelo.

**P. 9:** Miniatura de Sibilla von Bondorf (ca. 1470).

**P. 14:** Foto de A. Wacker.

**P. 16:** Casamento místico de São Francisco com a Pobreza, Castidade e Humildade. Quadro de Sassetta (século XV).

**P. 20:** Aula de Murano (entre 1452/1460).

**P. 21:** Do manuscrito de Silvestro da Panicale (1632).



